

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE UBERABA

Juliana Bertucci Barbosa*

Daiana Lombardi de Cuba**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas de Uberaba (MG), buscando saber o que pensam sobre a língua e como avaliam os diferentes modos de falar da língua portuguesa. Para essa pesquisa, foram escolhidas duas escolas públicas da cidade. Os alunos dessas escolas responderam a dois testes: um para analisar suas crenças sobre a língua e outro para analisar suas atitudes linguísticas. Esses testes apontaram que ainda há um grande trabalho a ser desenvolvido nas escolas no estudo da língua materna, reforçando a necessidade de conhecer as crenças e atitudes linguísticas dos alunos para realização de trabalhos que proporcionem a eles reflexões sobre a língua e seus usos, incentivando uma educação sociolinguística.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Ensino Médio. Variação linguística.

INTRODUÇÃO

■ **H**á muito tempo que se discute sobre a Sociolinguística e o ensino de língua portuguesa nas escolas, evidenciando a importância de se trabalhar com heterogeneidade da língua, com as diferentes variedades linguísticas, com a noção de certo e errado e com a maneira que o professor pensa e avalia as questões relacionadas à língua e à sociedade, levando em conta a linguagem utilizada pelos seus alunos. É nesse sentido que a Sociolinguística possibilitou um novo olhar no âmbito educacional, ou seja, na maneira como o professor trata questões da língua com seus alunos e as consequências desse aprendizado na competência comunicativa deles.

* Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Uberaba – MG – Brasil. E-mail: julianabertucci@ielachs.uftm.br

** Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Uberaba – MG – Brasil. E-mail: daianalombardi@hotmail.com

No entanto, percebe-se que há um distanciamento entre os estudos e descobertas sociolinguísticas e o ensino de língua portuguesa nas escolas, visto que muitos professores sentem-se despreparados, inseguros para trabalhar com a Sociolinguística em sala de aula. A consequência disso, para os alunos, é a criação da ideia de que existe apenas um modo de falar e escrever corretamente e que a maneira como utilizam a linguagem é errada e deve ser corrigida. E até mesmo os alunos que já utilizam a norma culta e têm um alto grau de letramento são fadados a analisarem e corrigirem frases de acordo com a gramática normativa.

Por isso, neste artigo, investigamos as crenças e atitudes linguísticas dos alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas de Uberaba (MG), para, assim, saber o que pensam sobre a língua. Os resultados desta pesquisa nos levarão a refletir sobre o que precisa ser repensado e/ou modificado nas aulas de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, nas atitudes e crenças dos professores e dos alunos em relação à língua e suas relações com a sociedade.

Para atingirmos nossos objetivos, neste artigo, inicialmente discutiremos alguns conceitos sobre “variação e ensino”, “crença e atitude linguísticas”. Em seguida, apresentaremos, sucintamente, a confecção e aplicação dos testes; e, por fim, os resultados encontrados.

SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

Antes de explicitar a concepção de atitude e de crença adotadas neste trabalho, se faz necessário dizer a maneira como a língua será considerada, apontando alguns aspectos importantes a respeito da variação linguística, do preconceito linguístico, do ensino de língua materna e das influências da mídia sobre este.

Pensar a língua/linguagem como heterogênea e em constante processo de mudança, servindo como “elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade” (PRETI, 1987, p. 2) é a maneira pela qual esta pesquisa baseará seus estudos, isto é, na concepção de língua adotada pela Sociolinguística. Então, a língua em constante mudança varia de acordo com tempo, espaço, classe social, entre outros fatores que interferem na fala e na comunicação entre pessoas. Esse caráter mutável da língua pode ser entrevisto, por exemplo, no Português do Brasil (PB), no qual podemos observar inúmeras maneiras de falar, ou seja, diferentes variedades e variações do português que não devem ser consideradas erradas, ou inferiores, como prega a mídia, mas sim, devem ser consideradas como uma das variações do PB que também tem suas regras e seus usos estabelecidos.

Bortoni-Ricardo (2004, 2005) dedicou-se a vários estudos e pesquisas a esse respeito, principalmente ao relacionar a Sociolinguística ao ensino de língua materna. Para a autora:

A principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação provém da ênfase veemente na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou mais de uma língua, são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhum deles é inerentemente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguística ou culturalmente deficientes. [...] Muito embora os preconceitos linguísticos não tenham desaparecido, a sociolinguística forneceu munição teórica e tecnológica para combatê-los, bem como para que os sistemas escolares começassem a se preocupar com a adequação de seus métodos às peculiaridades linguísticas e culturais de seus

alunos que não provinham das camadas dominantes da sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 151).

É pensando nesse importante papel da Sociolinguística no ensino, ou seja, o de extinguir preconceitos linguísticos e o de conscientizar os alunos (e professores) a respeito do fenômeno positivo da variação linguística, que se faz necessário investigar como essa relação acontece na escola, de que maneira professores e alunos pensam sobre a língua/linguagem.

Scherre (2005), ao discutir sobre variação linguística, mídia e preconceito, também mostra a forte influência da mídia como propagadora de crenças, muitas vezes, de falsas crenças, como a de que existe apenas uma maneira “correta” de falar, fazendo com que muitos alunos reduzam a língua apenas ao que está na gramática. Essa falsa crença difundida pela mídia, e até mesmo por muitos professores de língua materna, causa graves consequências no desempenho linguístico (falado ou escrito) dos alunos, criando aversão às aulas de Língua Portuguesa ou ainda outras crenças, como a de que “o português” é muito difícil, ou ainda que muitos brasileiros “não sabem falar” e nem “aprender” “o português” direito, entre outras. Como veremos, na análise dos nossos resultados, essas falsas crenças serão repetidas por muitos alunos.

FALA E ESCRITA

É importante também fazer algumas considerações a respeito da fala e da escrita, haja vista que muitos alunos (como será evidenciado no teste de crenças) ainda acreditam na superioridade da escrita em relação à fala, apresentando falsas crenças sobre a fala e a escrita.

Marcuschi (2010), em seu livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, esclarece que tanto a fala quanto a escrita são práticas linguísticas com características próprias e não devem ser concebidas como opostas. O autor mostra que: “Fala e escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares e sim graduais e contínuas. São duas alternativas de atualização da língua nas atividades sociointerativas diárias” (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

Outro linguista que também faz apontamentos significativos a respeito da fala e da escrita na escola é Cagliari (1997). O fato de muitos alunos (e até mesmo professores) acreditarem na superioridade da escrita em relação à fala está relacionado com a importância que a escola (e também a sociedade) dá à escrita. Cagliari (1997, p. 17) explica também que “Os usos da escrita [...] quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade”. Isso justifica o fato de muitos alunos pensarem que a escrita é melhor e mais correta do que a fala.

Sendo assim, é importante que o professor desconstrua essas crenças e mostre aos alunos que, apesar de a escrita ter grande importância em nossa vida, ela não é melhor e mais correta do que a fala. Escrita e fala são modalidades diferentes da língua que têm seus usos e características específicos. Uma não é a representação da outra e muito menos se contrapõem, pelo contrário, se relacionam.

CRENÇA E ATITUDE LINGÜÍSTICA

O estudo das crenças e atitudes linguísticas dos estudantes se faz necessário por revelar o que eles pensam sobre a língua e, dessa maneira, o modo como

avaliam a língua que usam e a que aprendem tem consequências diretas em seu desempenho escolar, na leitura, escrita e na fala. Além disso, essas atitudes também trazem consequências sociais, culturais e ideológicas. Segundo Calvet (2002, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento”. É esse conjunto de atitudes (manifestadas de acordo com as crenças) dos alunos de escolas públicas da cidade mineira de Uberaba perante a língua que essa pesquisa se propõe a estudar e analisar.

Para tanto, é necessário esclarecer o que se entende por crença e atitude linguística. No contexto desta pesquisa não se torna possível separá-las, haja vista que crença e atitude se relacionam diretamente, sendo a segunda influenciada pela primeira. Nesse sentido, algumas considerações pertinentes sobre esses conceitos serão desenvolvidos nos tópicos a seguir como forma de mostrar a concepção de crença e de atitude concebida neste estudo.

Crenças linguísticas

Para compreender as atitudes linguísticas dos alunos perante a língua/linguagem é importante, primeiramente, conhecer suas crenças perante esse objeto, ou seja, o que pensam a respeito do ensino de língua materna, suas concepções sobre a linguagem. É justamente como concepção, como pensamento o sentido que será dado à crença, apesar das várias conceituações recebidas nas diversas áreas do conhecimento, como na Antropologia, na Filosofia, na Psicologia, na Sociologia e também na Educação.

Estudiosos como Barcelos e Vieira-Abrahão (2006) e Santos (1996) já deixaram grandes contribuições para o estudo das crenças. O conceito que vai ao encontro dos ideais desta pesquisa é o de Barcelos e Vieira-Abrahão (2006, p. 18), que considera crença

[...] uma forma de pensamento, como construções de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Como se pode perceber, por meio dessas palavras da autora, crença pode ser entendida como uma forma de pensamento, de concepção sobre o mundo e de tudo que se relaciona a ele, sendo originada pelas experiências e interações que determinado indivíduo tem ao longo de sua vida, podendo ser ainda de natureza social, individual e contextual. Por se tratar de pensamentos e concepções que cada indivíduo tem em sua própria vida, as crenças nem sempre são as mesmas para as pessoas, podendo variar de acordo com a comunidade, com a região em que se vive, com o contexto de determinada situação.

O que também propõe Santos (1996), citado na tese de doutorado de Cyranka (2007), é válido para a concepção de crença e também de atitude linguística adotada nesta pesquisa, pois o autor relaciona crença à atitude, dizendo ser a segunda uma manifestação da primeira:

Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza. [...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou

propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas, ou seja, as nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas (SANTOS, 1996 apud CYRANKA, 2007, p. 22).

Nesse sentido, entende-se por crença um pensamento, uma visão e percepção do mundo, uma opinião que se tem sobre algo. As crenças também são entendidas como dinâmicas, social e contextualmente construídas, podendo ser alteradas, (re)significadas por meio de experiências ou ainda por meio das interações e relações do indivíduo com outros, sendo as crenças, portanto, responsáveis pela manifestação das atitudes.

A crença dos alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas de Uberaba, isto é, o pensamento que têm sobre as aulas de língua materna, sobre o processo de escrita e de leitura, sobre a variação linguística, entre outras questões relacionadas com a linguagem, foi analisada no teste de crenças proposto nesta pesquisa, melhor especificado na metodologia deste trabalho.

Atitudes

Alguns pesquisadores já se dedicaram ao estudo das atitudes linguísticas de determinados falantes em relação à língua que falam ou ainda à língua que ensinam e/ou aprendem. É o caso de Labov (1974), ao fazer investigações no campo das atitudes linguísticas entre os falantes de inglês da Ilha Martha's Vineyard, na costa de Massachusetts; Lambert et al. (1960), ao analisarem a avaliação de jovens canadenses falantes de francês e de inglês, em relação à sua própria língua; Taylor (1973) em sua pesquisa sobre as atitudes dos professores estadunidenses em relação às diferenças linguísticas e culturais de seus alunos; Williams (1970), que também empreendeu estudos sobre as atitudes relacionadas com a linguagem e com a educação. No Brasil, temos os trabalhos de Cyranka (2007), que analisa atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de uma cidade mineira; Aguilera (2008), que se propõe a analisar crenças e atitudes dos falantes das capitais brasileiras; e também Santos (1996), que analisa atitudes e crenças no ensino de Língua Portuguesa.

Apesar das grandes contribuições que esses estudiosos deixaram a respeito das atitudes linguísticas, há ainda muito que se pesquisar e analisar nessa área, haja vista que levar em consideração as avaliações de falantes perante a língua que falam e/ou aprendem é um vasto campo para a pesquisa e análise, principalmente quando se pensa nas variações linguísticas existentes e na quantidade de falantes em cada uma delas. É nesse sentido que a análise das atitudes linguísticas de alunos do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Uberaba é pertinente, pois mostrará a maneira como os falantes pensam sobre as várias questões relacionadas com a linguagem e como avaliam os fenômenos linguísticos existentes em sua região. Para, então, analisar a avaliação dos alunos perante os fenômenos linguísticos, ou seja, suas atitudes, é importante mostrar qual a concepção de atitude adotada neste trabalho.

As atitudes, por sua vez, diferem das crenças por estarem relacionadas com a avaliação, com a reação de um determinado indivíduo perante algo ou alguma situação que presencia. É importante dizer que apesar de atitudes e crenças estarem diretamente relacionadas entre si, cada uma delas apresenta aspectos peculiares.

Ao pesquisar sobre crenças e atitudes linguísticas em áreas de fronteira do oeste e sudoeste do Paraná, Sella e Busse (2012, p. 369) mostram um importante comentário de Fernández (1998, p. 180) a respeito de como as atitudes linguísticas revelam a identidade dos grupos que as partilham:

[...] as atitudes linguísticas estão relacionadas com as próprias línguas e a identidade de grupos que as usam. Por conseguinte, é lógico pensar que, porque uma relação entre língua e identidade, esta é responsável pela manifestação das atitudes dos indivíduos sobre essas línguas e seus usuários.

No mesmo trabalho das autoras Sella e Busse (2012), há também uma citação de Lambert et al. (1960, p. 77) que mostra claramente o que se pode entender sobre uma atitude, cujo conceito dado pelo autor vai ao encontro do que este estudo propõe, ou seja, de que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Pode-se ainda acrescentar a essa citação, pensando em atitude como uma avaliação linguística, que essa também expõe como um indivíduo pensa, sente e reage em relação a sua própria fala e a de outras pessoas.

Aguilera (2008), em sua pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas dos falantes das capitais brasileiras, também faz referência ao trabalho de Lambert et al. (1960) e de Fernández (1998) para explicar melhor o que se entende por atitude linguística:

Sobre os elementos que compõem a atitude, Lambert, citado por Moreno Fernández (1998: 182), registra que a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível: o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo), o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística (AGUILERA, 2008, p. 106).

Sem conceituar de forma absoluta o que seria atitude e atitude linguística, conclui-se por meio da bibliografia pesquisada que as atitudes podem ser entendidas como a expressão das crenças e dos conhecimentos que um indivíduo tem sobre determinado assunto e que lhe possibilita avaliar, comportar-se e manifestar sua opinião e sentimentos perante uma situação, sendo que as atitudes linguísticas apontam as avaliações desse indivíduo ante uma língua ou uma situação sociolinguística.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho realizado partiu de pesquisas de campo (escolas públicas de Uberaba), aprovadas pelo Comitê de Ética (Protocolo 2112) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e bibliográficas, sendo quantitativo-qualitativo, pois os dados foram coletados e, posteriormente, analisados.

Constituição do corpus: seleção das escolas e dos alunos

A escolha das escolas, mais especificamente dos alunos de Ensino Médio das escolas públicas de Uberaba, como objetos de estudo desta pesquisa se deu pela

grande importância que as instituições de ensino têm para formar e propagar conceitos e determinados tipos de pensamentos. Bortoni-Ricardo (2005, p. 149) afirma ser a escola a principal instituição de poder na sociedade. É pensando nisso que para esta pesquisa foram escolhidas duas escolas públicas da cidade de Uberaba, chamadas aqui de escola A e escola B, sendo a primeira localizada em um bairro periférico da cidade e a outra localizada no centro da cidade. A escolha dessas escolas, baseada em sua localização e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), foi feita procurando evidenciar (ou não) possíveis diferenças entre as atitudes e crenças linguísticas dos alunos de cada escola, haja vista a distância locacional entre elas e a grande diferença do Ideb de cada uma.

Essa análise se restringe aos alunos do Ensino Médio porque essa etapa,

[...] por caracterizar-se como a etapa final da educação básica, carrega um peso significativo quanto à seleção dos objetos de ensino (conteúdos e competências) a abordar e das estratégias a adotar, pois não é possível “retomar o que não foi visto” ou “suprir as lacunas” para além dos três anos de EM [Ensino Médio]. Além disso, o caráter de preparação para o trabalho (hoje em dia, quase restrita a vagas oferecidas em concursos) e/ou para o vestibular, que efetivamente não pode ser negado, traz outras implicações para essas escolhas (BUNZEN; MENDONÇA, 2006, p. 202).

Outro aspecto a ressaltar é o fato de a pesquisa ser restrita aos alunos de duas escolas públicas, uma na periferia e a outra na área central da cidade. Esse *corpus* foi assim escolhido porque, como se observa, tais escolas são frequentadas, em sua maioria, por alunos provenientes de família de baixa renda que têm dificuldade de acesso aos bens culturais e, na maioria dos casos, as variedades linguísticas que utilizam não é a mesma ensinada na escola (a qual “ensina” a variedade culta) e, portanto, muitas vezes estigmatizadas.

Sendo assim, temos o Quadro 1¹.

Quadro 1 – Dados das escolas de Uberaba

Escola	Localização	Ideb ²	Nº de alunos participantes
Escola A	Periferia	2.9	11 alunos
Escola B	Centro	4.5	20 alunos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Aplicação dos testes de crenças e atitudes linguísticas

Partindo de estudos na área da Sociolinguística, foram aplicados aos alunos dois testes. O primeiro é para analisar suas crenças sobre a língua e a linguagem. Eles responderam um questionário (adaptado de CYRANKA, 2007) com 27 perguntas diretas, cuja resposta foi sim ou não (Anexo). Na segunda parte, o teste aplicado foi para analisar suas atitudes linguísticas, teste esse elaborado a

1 Para a realização desta pesquisa, além da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM, foram assinados termos de autorização da escola e termos de esclarecimento e consentimento (assinados pelos informantes e/ou responsáveis legais, quando menor de idade).

2 Dados do Ideb do ano de 2011.

partir do conceito de atitude linguística usado neste trabalho. Foram mostrados a eles vários textos que apresentam variedades linguísticas e diferentes estilos para eles analisarem, ou melhor, avaliarem, de acordo com o conhecimento e a opinião que têm sobre a língua/linguagem. Essa avaliação linguística dos textos foi feita oralmente e também gravada para a análise. Após a realização da pesquisa, as gravações feitas foram colocadas no banco de dados do Grupo de Estudos Variacionistas (Gevar). As questões abordadas na entrevista e as imagens que foram mostradas aos alunos para responderem às questões da entrevista estão no Anexo.

Depois da aplicação dos testes, os resultados foram recolhidos e analisados para o desenvolvimento da pesquisa. No teste de crenças, de perguntas diretas, foi feita uma análise quantitativa-qualitativa das respostas, mostrando a porcentagem de cada questão, respondida positiva ou negativamente pelos alunos. Já no teste de atitudes, as gravações foram transcritas e também analisadas quantitativa-qualitativamente. A análise das respostas dos alunos em ambos os testes será mostrada a seguir.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de apresentarmos os resultados que os testes de crenças e atitudes linguísticas demonstraram, faz-se necessário salientar a dificuldade de encontrar uma maneira de abordar os assuntos nas perguntas dos testes, sem influenciar as respostas dos alunos. Tal dificuldade pode ser justificada pela carência de trabalhos e pesquisas de campo que trabalhem com as crenças e atitudes linguísticas de alunos, mais especificamente que trabalhem com questionários e entrevistas.

Para melhor organização e compreensão dos resultados apontados, a análise dos resultados foi dividida em: teste de crenças e teste de atitudes.

Teste de crenças

Como foi descrito anteriormente, o teste de crenças foi composto por 27 perguntas diretas, cuja resposta foi sim ou não. No questionário, os alunos deveriam responder, por exemplo, questões relacionadas com fala, escrita, leitura, sua maneira de falar, o papel da escola, o comportamento linguístico do seu professor de Português etc. Foram selecionadas e agrupadas as perguntas que se relacionavam. Não houve grandes diferenças nas respostas entre as escolas A e B. De maneira geral, os resultados mostraram que:

1. os alunos de ambas as escolas têm orgulho de seu modo de falar, apesar de considerarem bonitas outras maneiras de falar;
2. acreditam que a língua escrita é mais correta que a falada, e que portanto escrevem melhor do que falam;
3. pensam que uma das funções da escola é corrigir a fala dos alunos e também que a escola onde estudam os ajuda a escrever e falar corretamente em diferentes situações;
4. pensam que os adultos falam melhor que os jovens;

5. consideram a linguagem dos livros mais bonita e melhor do que seu próprio jeito de falar;
6. acreditam que falar bem é tão importante quanto escrever bem;
7. demonstraram que um professor de Português competente deve falar de acordo com as regras da gramática;
8. acreditam que seu professor de Português fala corretamente e que ele mostra, nas aulas, as diferentes maneiras de falar;
9. mudam sua maneira de falar de acordo com a situação em que estão.

Houve grande similaridade entre as crenças dos alunos do Ensino Médio das escolas A e B, apesar das diferenças na localização e no Ideb. Além disso, os resultados mostraram que os alunos (e, conseqüentemente, os professores) ainda pensam que existem maneiras erradas de falar e que a única maneira correta é a que está na gramática. Pode-se perceber também a influência da mídia e da escola no que diz respeito à formação de crenças relacionadas com “linguagem mais bonita” ou “maneira de falar mais bonita” que outras. A superioridade da escrita é também um aspecto a ressaltar, pois os alunos de ambas as escolas dão grande valor à escrita, considerando-a mais difícil e mais “correta”.

Tais resultados foram semelhantes aos de pesquisas já citadas, como a de Cyranka (2007), na qual os alunos do Ensino Fundamental de Juiz de Fora também pensam que há maneiras de falar mais bonitas do que a deles e demonstram preconceito linguístico em relação à própria fala e à de outras variedades. Na pesquisa de Carvalho (2012), os alunos de sexto e nono anos de escolas públicas uberabenses também deram grande valor à escrita, além de apresentarem preconceito linguístico e a falsa crença de que há apenas uma maneira correta de falar e escrever. Tudo isso, portanto, mostra que há ainda um grande trabalho a ser realizado na escola no que se refere às discussões a respeito das variedades linguísticas, bem como as reflexões sobre a língua, envolvendo fala, leitura e escrita.

Teste de atitudes

Para saber quais as atitudes dos alunos perante a língua portuguesa, suas variedades e modalidades, foram feitas seis perguntas cujas respostas de cada aluno foram gravadas e transcritas para a análise. As perguntas continham imagens com fala de personagens distintos, bem como quadrinhos e textos retirados da internet que continham diferentes variedades linguísticas e que mostravam algumas considerações sobre a fala. Os alunos responderam às questões relacionadas a essas imagens, avaliando e mostrando sua opinião a respeito do conteúdo dos textos e também da variedade linguística utilizada neles.

De maneira geral, os resultados mostraram que as respostas de muitos alunos indicaram que eles:

1. ainda têm a concepção de que a língua é homogênea, de que existe “fala correta” e “fala errada”;
2. revelaram, em alguns casos, preconceito linguístico com determinadas variedades linguísticas, principalmente em relação às variedades mineiras;

3. demonstraram não ter o hábito de refletir sobre a própria língua/linguagem que utilizam e que aprendem;
4. qualificam uma pessoa por meio da linguagem que ela utiliza, julgando-a rica, inteligente, honesta, confiável ou não;
5. acreditam que as pessoas que “falam corretamente” são aquelas com mais instrução (advogados, médicos, professores);
6. avaliaram a maneira de falar dos jovens como “errada” (o que também foi comprovado no teste de crenças) devido ao uso de gírias;
7. têm consciência de que a maneira de falar de uma pessoa muda de acordo com a região e com o grupo social em que convive, isto é, da existência das variedades linguísticas;
8. mudam a maneira de falar de acordo com a situação em que em estão (como também mostrou o teste de crenças).

Não houve grandes diferenças nas atitudes linguísticas entre os alunos da escola A e da escola B, como evidenciam os fragmentos a seguir, indicando atitudes semelhantes nos fragmentos tanto dos informantes da escola A quanto dos informantes da escola B.

Fala errado eu acho que é com muitas gírias... Jeito mineiro é um jeito errado de fala... E fala corretamente é acho que é de acordo com o lugar que cê tá tipo quando cê for arranjar um emprego assim cê tem que fala corretamente pra passa uma boa impressão pra pessoa... [...] Acho que um professor... Uma pessoa culta da... Da vida mais alta que tem mais dinheiro e tal fala mais certo e a pessoa que não tem muito estudo... Não tem muito [...] Fala mais errado... (inf. 22, escola A).

Falar corretamente é aquela linguagem que a gente usa na... Gramática... Uma linguagem muito formal... E linguagem errada é uma linguagem que a gente usa gírias a linguagem que a gente fala com os amigos... rede social... (inf. 4, escola B).

Por meio da análise das entrevistas dos alunos e dos resultados apontados aqui, percebe-se que os alunos de ambas as escolas demonstraram atitudes negativas em relação a determinadas variedades linguísticas, além de reafirmarem as crenças de que a língua é homogênea, de que existe fala errada e correta, de que as pessoas são consideradas confiáveis pelo seu jeito de falar. Os alunos, de forma geral, também demonstraram preconceito linguístico em relação à fala mineira, além de concordarem com o estereótipo mineiro (“caipira”) veiculado pela mídia.

Apesar de alguns alunos, felizmente, terem demonstrado uma atitude linguística diferente, positiva, mostrando que a língua/linguagem não qualifica uma pessoa e de que não existe maneira errada de falar, ainda se faz necessário um trabalho sociolinguístico nas escolas, tanto para alunos quanto para professores, para que “falsas crenças” e atitudes negativas sobre a língua se transformem em reflexão (socio)linguística nas salas de aula.

Pesquisas como as de Cyranka (2007) e Carvalho (2012) com alunos de escolas públicas, de Sella e Busse (2012) com falantes de áreas de fronteiras, de Aguilera (2008), Roncarati (1979), Roncarati et al. (1993) e Bortoni-Ricardo

(1981) empreendidas com falantes de diversas regiões do país também mostram essa necessidade de um trabalho sociolinguístico (que não deve se restringir apenas à escola, mas de uma maneira que abranja a maior parte dos brasileiros), principalmente na questão do preconceito linguístico e da existência de falsas crenças como a de que a língua é uma só e de que existe apenas uma maneira “correta” de falar e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crenças e atitudes linguísticas de alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas de Uberaba revelaram que ainda há um grande trabalho a ser desenvolvido nas escolas no campo linguístico, no estudo da língua materna. Muitos alunos, já na etapa final da Educação Básica, demonstraram acreditar em falsas crenças que, infelizmente, ainda são veiculadas pela mídia. Além disso, os alunos avaliaram negativamente outras variedades linguísticas e também acreditam que a variedade que usam é errada.

Tais atitudes e crenças perante a língua podem interferir no desenvolvimento do aluno (tema para uma futura pesquisa), principalmente no uso da fala e da escrita, trazendo consequências para seu desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, é importante conhecer as crenças e atitudes linguísticas dos alunos, isto é, o que pensam sobre a língua e como reagem ao uso de suas variedades, para que a partir desse conhecimento de suas crenças e atitudes sejam realizados trabalhos que proporcionem aos alunos reflexões sobre a língua e seus usos, desconstruindo falsas crenças e incentivando uma educação sociolinguística.

LINGUISTIC BELIEFS AND ATTITUDES OF HIGH SCHOOL STUDENTS IN UBERABA'S PUBLIC SCHOOLS

Abstract: Based on the work of Sociolinguistics, this article aims to analyze the linguistic beliefs and attitudes of high school students from two public schools in Uberaba (MG), to know what they think about the language and how they evaluate the different modes of speaking of the Portuguese language. For this research, two public schools in the city of Uberaba were chosen and two tests were applied to the students of these schools. The first, to examine their beliefs about language, and the second to analyze their linguistic attitudes. Beliefs and language attitudes of high school students from two public schools of Uberaba revealed that there is still a great work to be developed in schools in the study of the mother tongue.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes. High School. Linguistic variation.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006.

- BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: COUTO, H. H. (Org.). *Ensaio de linguística aplicada ao português*. Brasília: Thesaurus, 1981. p. 79-101.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1997.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARVALHO, N. B. *Estudo comparativo de crenças e atitudes linguísticas de alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas de Uberaba*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)–Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2012.
- CYRANKA, L. F. M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora–MG*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística)–Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- FERNÁNDEZ, F. M. *Principios del sociolinguística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – Ideb. 2011. Disponível em: <<http://www.portalideb.com.br/escola/151859-ee-santaterezinha/ideb?etapa=9&rede=estadual>./<<http://www.portalideb.com.br/escola/163390-ee-minas-gerais/ideb?etapa=9&rede=estadual>>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês Standard. Tradução Luiza Leite Bruno Lobo. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. (Coleção Enfoque).
- LAMBERT, W. E. et al. Evaluation reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal Social Psychology*, n. 60, p. 44-51, 1960.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1987.
- RONCARATI, C. Avaliação linguística: identidade e ideologia. In: *Boletim da Abralín*. Maceió: Ufal, 1979. p. 243-247.
- RONCARATI, C. et al. *Usos linguísticos e usuários da língua: face e verso da educação linguística*. 1993. Síntese de monografias do curso de especialização *lato sensu* na disciplina Português do Brasil, Universidade Federal Fluminense, 1993. Mimeografado.
- SANTOS, E. *Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SELLA, A. F.; BUSSE, S. Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: línguas e falares em contato em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná. In: AL-TINO, F. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

TAYLOR, O. L. Teacher's attitudes toward black and nonstandard English as measured by the language-attitude scale. In: SHUY, W. R.; FASOLD, R. W. (Ed.). *Language attitudes: current trends and prospects*. Washington: Georgetown University, 1973. p. 174-201.

WILLIAMS, F. Language, attitude and social change. In: WILLIAMS, F. *Language and poverty: perspectives on a theme*. Chicago: Markham, 1970.

ANEXO**Teste de crença**

(Adaptado de CYRANKA, 2007)

Questionário

- 1) Você mora em Uberaba desde que nasceu?
() sim () não
- 2) Caso a resposta à pergunta anterior seja não, morou fora de Uberaba por mais de dois anos?
() sim () não
- 3) Na sua opinião, a língua escrita é mais correta do que a falada?
() sim () não
- 4) Você escreve bem?
() sim () não
- 5) Você fala bem?
() sim () não
- 6) Você acredita que para escrever bem basta saber as regras de ortografia e de gramática?
() sim () não
- 7) Na sua opinião, os adultos falam melhor que os jovens?
() sim () não
- 8) Para escrever bem é preciso ler muito?
() sim () não
- 9) Para escrever direito, é necessário mudar a maneira de falar?
() sim () não
- 10) Um professor de Português competente deve falar de acordo com as regras da gramática?
() sim () não
- 11) A linguagem dos livros é mais bonita e melhor do que seu jeito de falar?
() sim () não
- 12) Você acredita que para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar igual ao seu professor de Português?
() sim () não
- 13) Uma das funções da escola é corrigir a fala dos alunos?
() sim () não
- 14) Na sua opinião, as pessoas analfabetas falam errado?
() sim () não
- 15) Saber falar bem é tão importante quanto escrever bem?
() sim () não
- 16) Você tem orgulho do seu jeito de falar?
() sim () não

- 17) Somente a escola ensina a escrever bem?
 sim não
- 18) Escrever é mais complicado do que falar?
 sim não
- 19) Você muda sua maneira de falar de acordo com a situação em que está?
 sim não
- 20) Basta aprender a ler para escrever qualquer tipo de texto?
 sim não
- 21) Existem outras maneiras de falar mais bonitas do que a sua?
 sim não
- 22) Na sua opinião, o jeito de falar em Minas Gerais é bonito?
 sim não
- 23) Seu professor de Português mostra, nas aulas, as diferentes maneiras de falar?
 sim não
- 24) Na sua opinião, seu professor de Português fala corretamente?
 sim não
- 25) Para você, o melhor e mais correto jeito de falar é o que está na gramática?
 sim não
- 26) Seu professor já lhe disse, alguma vez, que seu jeito de falar é errado?
 sim não
- 27) Você acredita que a escola em que você estuda lhe ajuda a escrever e a falar corretamente em diferentes situações?
 sim não

Teste de atitude

Roteiro da entrevista

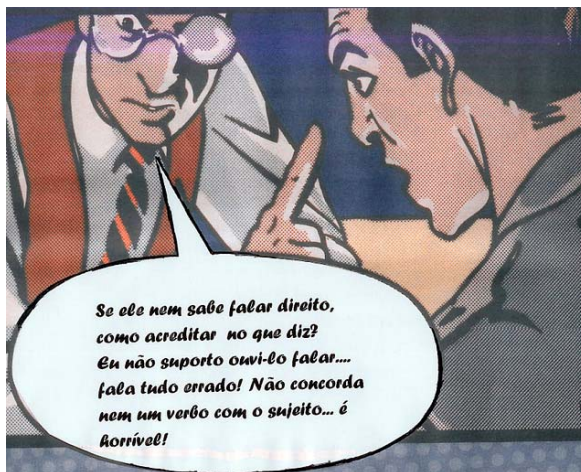
- 1) Observe a imagem a seguir e o que está sendo representado nela.



Fonte: <http://marcellakamila.blogspot.com/2011_05_01_archive.html>.

- a) Você acha que esse professor é um bom professor de Português? Por quê?
 b) Por que você acha que os alunos estão espantados?

2) Leia o que está escrito na imagem abaixo.



- a) Você acredita que a maneira de falar de uma pessoa pode nos mostrar se ela é confiável ou não? Por quê?
 b) Você já parou para observar se em sua fala você sempre concorda o sujeito com o verbo? Isso acontece?

3) Leia o texto a seguir. Ele foi retirado de um site da internet.

Ortografia: Dicas de como habituar a falar corretamente

Muita gente não sabe, mas a maneira correta de se escrever a **língua portuguesa** pode influenciar e muito a nossa vida, se você não fala corretamente passe a praticar, você vai notar a diferença no seu dia a dia.

A maioria das pessoas não falam errado porque não sabe o correto, mas sim por hábito, vício de gírias ou muitas vezes por convicência com pessoas que falam errado.

Falar ou escrever certo não é usar palavras difíceis e pouco conhecidas, mas sim não atropelar o nosso português, usar **concordância verbal**, e principalmente deixar de lado a linguagem do **MSN** que trás vícios.

A boa pronúncia do **português correto** pode também abrir muitas portas na sua vida **profissional**, vou dar algumas dicas de como falar corretamente, não deixe de praticar. Um texto bem feito pode fazer as pessoas te olharem com outros olhos, acredite!

Fonte: <<http://www.semmundo.com/ortografia-dicas-como-habituat-falar-corretamente.html>>.

- a) Para você, o que seria “falar errado” e “falar corretamente”? Quem, em sua opinião, “fala errado” e quem “fala corretamente”?
- b) O texto afirma que “A boa pronúncia do português correto pode também abrir muitas portas na sua vida profissional...”. Você muda sua maneira de falar de acordo com a situação em que está? Por exemplo, em uma entrevista de trabalho você usaria a mesma linguagem que utiliza com seus amigos?
- c) Você acredita que a linguagem qualifica uma pessoa, mostra como ela é, ou seja, se é inteligente, rica, honesta?
- 4) Leia o poema abaixo de Oswald de Andrade sobre questões relacionadas com a linguagem.

Pronominais

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.

- a) No poema, há a questão da gramática, que nos mostra regras sobre a maneira de escrever e de falar. Quais tipos de pessoas que “ditam” as regras presentes na gramática?
- b) O que podemos perceber nesse poema é que nem sempre usamos, em nossa fala, o que diz a gramática. Por que isso ocorre? Na sua opinião, a maneira de falar muda de acordo com o tempo, com a região em que a pessoa vive e com a classe social dela?
- 5) Leia e observe os seguintes quadrinhos.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



Em relação ao primeiro quadrinho:

- Como você julga o modo de falar do Chico Bento?
- Você o considera uma boa pessoa?

Em relação ao último quadrinho:

- Com qual dos personagens você simpatizou mais? Por quê?
- Em uma conversa sua informal você utiliza essas palavras: “fazê”, “nóis”, “sei não”, “pra”?

6) Leia o texto a seguir.



Causo mineiro:



Sapassado, era sessetembro, taveu na cozinha tomando uma pincumel e cozinhando um kidicarne cumastumate pra fazer uma macarronada cum galinhassada. Quascai de susto quanduvi um barui vindê denduforno parecenum tidiguerra. A receita mandopô midipipoca denda galinha prassá. O forno isquentô, o mistorô e o fiofô da galinhisludiu! Nossinhora! Fiquei branco quinein um lidileite. Foi um trem doidimais! Quascai dendapia! Fiquei sensabê doncovim, noncotô, proncovô. Ópcevê quilocura! Grazadeus ninguem semaxucô!

- Você acredita que é realmente assim que os mineiros falam?
- Você utiliza algumas dessas expressões em sua fala? Quais? Há outras expressões que você acredita marcar a linguagem dos mineiros?
- Em relação à gravura, você concorda com essa representação dos mineiros? Por quê?

Recebido em dezembro de 2014.

Aprovado em fevereiro de 2015.